

## MDB ONTEM, MDB HOJE: O RETORNO DA SIGLA

### O MDB YESTERDAY, MDB TODAY: THE RETURN OF THE ACRONYM

Tamires Mascarenhas Pecoraro<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo busca compreender três momentos do Movimento Democrático Brasileiro (MDB): sua formação e atuação durante a ditadura civil-militar em 1966 até as eleições de 1974; sua transformação, em 1979, em Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB); e, recentemente, em 2017, o retorno do uso de sua antiga sigla, o MDB. Por meio de jornais, dados eleitorais, dados partidários e uma extensa bibliografia, além da discussão do conceito de partido político e memória, investigou-se como o MDB passou por um desgaste em sua imagem motivado pelas investigações da Operação Lava Jato e escândalos de corrupção envolvendo o partido. Assim, o PMDB apelou à memória de seu passado histórico de defensor da democracia, retornando ao uso de sua antiga sigla, buscando, assim, restaurar sua imagem junto ao eleitorado, mas sem estabelecer mudanças de atuação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Movimento Democrático Brasileiro (MDB); partido político; uso da memória.

**ABSTRACT:** This article seeks to understand three moments of the Brazilian Democratic Movement (MDB): its formation and performance during the civil-military dictatorship in 1966 until the 1974 elections; its transformation, in 1979, into the Brazilian Democratic Movement Party (PMDB); and, recently, in 2017, the return of the use of its old acronym, the MDB. Through newspapers, electoral data, party data and an extensive bibliography, in addition to the discussion of the concept of political party and memory, it was investigated how the MDB went through a deterioration in its image motivated by the investigations of the Lava Jato Operation and corruption scandals. involving the party. Thus, the PMDB appealed to the memory of its historical past as a

---

\* Assunto pesquisado derivado da dissertação de mestrado intitulada “O MDB durante o governo Geisel (1974-1978): a atuação parlamentar do partido de oposição à ditadura após as eleições de 1974”, defendido pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

<sup>1</sup> Professora Mestra atuante na educação básica das prefeituras de Resende e Itatiaia (RJ). Doutoranda em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: [mascarenhas.tamires@gmail.com](mailto:mascarenhas.tamires@gmail.com).

defender of democracy, returning to the use of its old acronym, thus seeking to restore its image with the electorate, but without establishing changes in action.

**KEYWORDS:** Brazilian Democratic Movement (MDB); political party; memory usage.

### Introdução

O partido do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) é formalmente, na atual República brasileira, o partido de maior longevidade de atuação. Nascido em 1966, em meio ao período autoritário da ditadura civil-militar, na constituição de um sistema bipartidário, o MDB foi estruturado em meio a uma ampla gama de diferentes posicionamentos políticos. Sua bandeira passou a ser a defesa do retorno ao estado democrático, formando-se a oposição consentida ao regime autoritário implantado desde o golpe de março/abril em 1964. Sua importância é apresentada ao atravessar tal intempérie período e se estabelecer na vida e cenário político brasileiro após o retorno da democracia.

Ainda nos adventos autoritários, em 1979, com o reestabelecimento de um sistema político pluripartidário, o MDB passou a se chamar Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), alterando, assim, sua sigla. Entretanto, após um conturbado período no cenário político brasileiro da Nova República, no qual, em meio a escândalos de corrupção envolvendo diversas e diferentes siglas políticas, o PMDB, numa busca pela reestruturação de imagem, voltou a usar sua antiga sigla, MDB, em 2017.

Por isso, considere-se aqui de suma importância compreender tais eventos políticos que marcam nossa atualidade. Para isso, busca-se entender o nascimento do MDB e os processos que levaram a sua afirmação enquanto partido político. Também se faz necessário analisar o contexto que levou o retorno da utilização de sua antiga sigla e sua referência aos tempos de seu surgimento. Para empreender tal estudo, focaremos nos conceitos de “partido político” e “memória”.

Para embasar o entendimento de partido político e, especialmente do MDB, utilizou-se os conceitos abordados pelos politólogos Giovanni Sartori e

Serge Berstein. Sartori, em seu livro *Partidos e Sistemas Partidários*, buscando diferenciar um partido político de uma facção, define que

É certo que os membros dos partidos não são altruístas, e a existência de partidos não elimina, de modo algum, as motivações egoístas e inescrupulosas. [...] O que varia são o processamento e as limitações impostas a tais motivações. Mesmo que o político partidário seja motivado pelo interesse pessoal apenas, seu comportamento deve disfarçar [...] tal motivação. A diferença está, então, em que os partidos são instrumentos das vantagens coletivas, de um fim que não é apenas a vantagem privada dos competidores. Os partidos ligam o povo a um governo, as facções não. Em suma, os partidos são instrumentos *funcionais* – servem a objetivos e desempenham papéis – e as facções não. E isso, em última análise, porque um partido é parte de um todo que procura servir aos propósitos desse todo, ao passo que a facção é apenas parte de si mesma (SARTORI, 1982, p. 46 e 47) [grifo no original].

Compreendendo, dessa maneira, que um partido político tem uma função social e representa os interesses de uma determinada coletividade, o MDB atuou, em suas origens, em prol da defesa democrática. Apesar de tal partido não ter se organizado por uma necessidade *a priori* a seu surgimento, dadas as circunstâncias de imposições do período, seus interesses convergiram a um ponto em comum.

Pensando a especificidade em que se deu o desenvolvimento do MDB, recorre-se ao pensamento de Serge Berstein. Para tal historiador, analisando partidos de “terceiro mundo”, mostrou-se que em situações adversas, partidos foram impelidos a uma organização.

Para que nasça um partido, é necessário além disso que, no interior do movimento evolutivo constatado, se produza uma crise, uma ruptura bastante profunda para justificar a emergência de organizações que, diante dela, traduzam uma tendência da opinião suficientemente fundamental para durar e criar uma tradição capaz de atravessar o tempo. [...] Sem se deter nos diversos tipos de crise [...], o historiador do político conservará da contribuição dessa escola a ideia de que um partido não nasce fortuitamente, da decisão de seus criadores, e só tem chance de sobreviver se responder de uma maneira

ou de outra a um problema fundamental colocado para a sociedade contemporânea, e que faz com que haja adequação entre a imagem que ele transmite de si mesmo e as aspirações mais profundas de uma parte importante da população que aceita, como solução para os problemas que ela percebe, a mediação política que ele lhe propõe (BERSTEIN, 2003, p. 67 e 68).

Assim, pode-se entender o MDB como fruto de uma ruptura, especificamente produzida pela implantação de um regime autoritário, que não representado pelos partidos antes existentes, reformulou um cenário de novas agremiações que lhe fossem favoráveis. Entretanto, o MDB foi capaz de atravessar tal período e se estabelecer no cenário político pós-ditatorial, permanecendo e se reconstruindo até o presente.

Essa permanência fez com que o partido apelasse para sua memória em período de reconstrução de imagem. Utiliza-se, aqui, o conceito de memória coletiva pensado por Michael Pollak.

É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (POLLAK, 1992, p. 201).

Dessa maneira, compreende-se que o MDB apelou à memória de seu passado histórico e sua importância de luta contra a ditadura, de uma forma que ainda suscitam ser defensores da democracia e baseiam nisso sua relevância política.

Assim, buscando analisar a constituição do MDB e sua perpetuação como partido político, foram usados como fontes jornais, legislação do período, dados eleitorais e dados partidários, além de uma bibliografia já estabelecida sobre o assunto. Divide-se, ainda, essa análise em três seções: a primeira intitulada *A construção do MDB e sua atuação até as eleições de 1974*, será examinado o processo impositivo da formação do MDB, bem como sua atuação no período ditatorial e sua mudança de postura que levará a vencer moralmente as eleições legislativas de 1974. Na segunda seção, *A formação do MDB em*

1979 e a Nova República, será investigado os fatores que levaram a reformulação da sigla do PMDB e como esse partido se configurou na Nova República. Por último, a seção *O retorno da sigla MDB: o apelo à memória*, discute-se o processo de desgaste da imagem pública do partido diante de escândalos de corrupção, levando-o a apelar a sua memória para reconstrução partidária.

### **A construção do mdb e sua atuação até as eleições de 1974**

Entre os dias 31 de março e 1º de abril de 1964 foi instaurada no Brasil uma ditadura civil-militar por meio de um golpe de estado. O novo regime, em seu início, teve apoio e base de sustento em um grupo político que vinha do período anterior ao golpe, a União Democrática Nacional (UDN), partido político esse participante do próprio projeto e atuante no golpe de estado (BENEVIDES, 1980).

Entretanto, a estrutura partidária pré-existente ao regime militar dava sinais de não cooperação aos interesses totais do que era pretendido pelo novo governo. O Congresso Nacional era controlado pelo Partido Social Democrático (PSD), em coligação com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), em que ambos, de origem getulista, apresentavam diversos entraves ao projeto governista (PECORARO, 2019). Isso ficou bem marcado em duas ocasiões aqui destacadas.

A primeira delas, bem definida por David Fleischer (2004) foram as eleições para governos estaduais realizadas em 1965, em que elas contribuíram para a “[...] antecipação do realinhamento do sistema pluripartidário de então por vias autoritárias” (FLEISCHER, 2004, p. 308). Dos 11 estados que renovaram suas cadeiras para o executivo estadual, os principais, como Minas Gerais e Guanabara elegeram candidatos de partidos da oposição à ditadura, como Israel Pinheiro da Silva (PSD-MG) e Francisco Negrão de Lima (PSD-GB). Frente à coligação PSD-PTB, a UDN, representante do governo ditatorial, tinha pouca expressividade eleitoral (PECORARO, 2019). Essa tese,

inclusive, é a principal defendida por vários autores do período que analisam a mudança imposta ao sistema político-partidário durante a ditadura civil-militar.

Mas, um segundo fator também teve grande peso para tal contexto de alteração da estrutura partidária. Esse se deu devido ao domínio possedista sobre o Congresso Nacional, em que a liderança do Parlamento era desse grupo político. Eles não demonstravam disposição em negociar emendas constitucionais enviadas pelo poder executivo, representado por Castelo Branco. A negativa dava-se por considerarem que o poder Executivo pretendia ampliar os poderes da Justiça Militar, além de reduzir e controlar o poder legislativo, ampliando o poder do executivo nacional (ALVES, 1989). Dentro desse contexto, aparentemente, uma crise de representatividade abateu-se sobre os novos governantes militares, que não se limitaram a usar de instrumentos autoritários para modificar o cenário político-partidário.

O primeiro desses instrumentos foi o Ato Institucional nº.2 (AI-2), de 27 de outubro de 1965. Em seu artigo 18 é definido: “Ficam extintos os atuais Partidos Políticos e cancelados os respectivos registros”. Em parágrafo único definiu que novas agremiações deveriam se formar com base na Lei nº 4.740, de 15 de julho de 1965. Entretanto, um segundo instrumento legislativo foi elaborado, cuja finalidade foi limitar a formação das novas agremiações.

O Ato Complementar de nº.4 (AC-4), de 20 de novembro de 1965, foi baixado após o AI-2. Na própria descrição do AC-4, ficou definido que tal Ato Complementar foi feito em referência ao AI-2: “O Presidente da República, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 30 do Ato Institucional nº 2, resolve baixar o seguinte Ato Complementar” (AC-4, 1965). O artigo, ao qual fez referência, permitia ao presidente da República baixar atos complementares, bem como decretos-leis acerca de matérias de segurança nacional. Foi nessa proporção que foi tratada a nova organização político-partidária brasileira na ditadura.

O AC-4 definia que as novas agremiações partidárias deveriam ser formadas a partir do Congresso Nacional, em número minimamente de 120

deputados federais e 20 senadores, em até 45 dias. Aqui começaram os problemas para formarem uma agremiação de oposição ao regime.

Por conta das imposições e limitações criadas pelo AC-4, formaram-se duas agremiações partidárias, que formariam os novos partidos políticos atuantes na ditadura: Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido da situação, e Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partido de oposição. Não foi definido que o governo estipulasse um sistema de dois partidos, mas as imposições “legais” e os expurgos, caminharam para a construção do bipartidarismo.

O fato é que, após uma série de cassações de políticos opositores, que se fez presente desde a implantação do regime ditatorial, foi difícil nomes para ingressar em um partido que faria oposição ao regime autoritário. O MDB surgiu de uma oposição tímida, legalmente permitida e tolerada pela ditadura, o que fez o partido ficar conhecido como “oposição consentida” ou “partido do sim” (GRINBERG, 2009, p. 30-31).

O MDB instituiu-se em março de 1966 como agremiação política. Em seu programa ficou definida qual seria sua atuação. Dos objetivos de seus estatutos, destaca-se o primeiro:

Fortalecimento da democracia representativa e da Federação, sob a forma republicana de governo, baseada no respeito:  
 - à soberania popular, manifesta através do voto direto, universal e secreto;  
 - à pluralidade dos partidos políticos;  
 [...]  
 - à harmonia e independência dos Poderes (TSE, 1966).

É evidente, ao ler esse trecho, que o MDB tinha como principal objetivo a luta pelo retorno do estado democrático. Ao restante do documento, os demais objetivos são definidos alinhados a esse propósito. Não há uma definição de linha e espectro político que definisse a atuação do partido em relação a diversos outros temas. Ele figurou em temas amplos e abertos, como defesa de educação, liberdades individuais e de pensamento. Na parte econômica, seguia modelos gerais, como valorização do trabalho, reforma agrária com função

social, diminuição de desigualdades, autonomia sindical e direito à greve, nacionalismo estatal quanto ao petróleo e recursos naturais. Assim, o partido tinha como única bandeira bem definida, em sua criação, a defesa da democracia, e por consequência o fim do Estado ditatorial, o que deveria ser o elo e ligação para um grupo heterogêneo.

Já a respeito de sua constituição, sua base de formação parlamentar deveu-se, principalmente, aos antigos partidos getulistas, como PTB e PSD, partidos esses que vinham sendo, até então, oposição ao regime da ditadura. Toma-se como exemplo sua formação pela Câmara dos Deputados.

**Tabela 1.** Formação do MDB e Arena por deputados federais das antigas siglas partidárias.

Partidos*	MDB	ARENA
PSD	43	78
PTB	78	38
UDN	9	86
Outros	19	55

\*Considerou-se, aqui, os três principais partidos do período anterior a ditadura, que tinham maiores números de deputados federais.

Fonte: KINZO, 1988, p. 32.

Analisando os dados da tabela 1, é possível perceber que o MDB foi formado, em sua maioria, pelos antigos petebistas. O PSD teve a segunda base mais importante na formação emedebistas, entretanto, a maioria de seus deputados ingressaram no partido situacionista, a Arena. Bem como pode-se observar que a base partidária do regime militar continuou sendo a udenista.

O MDB formou-se por uma ampla base de diferentes espectros políticos, o que fez com que muitos entendessem o partido como uma frente parlamentar, melhor do que um partido propriamente dito (LAMOUNIER, 2004). Mas apesar das diferenças ideológicas, o partido foi buscando convergir seus ideais, levantando a bandeira em prol da democracia. Mas essa indefinição e a atuação tímida custou ao MDB sua representação eleitoral para os cidadãos brasileiros. Analisando as eleições parlamentares nacionais de 1966 e 1970, temos os seguintes dados:

**Tabela 2.** Deputados e senadores eleitos pela Arena e MDB nas eleições nacionais de 1966 e 1970.

	ARENA	MDB
Câmara dos deputados 1966	277	132
Câmara dos deputados 1970	223	87
Senado Federal 1966	18	4
Senado Federal 1970	40	6

Fonte: TSE. Dados Estatísticos: Eleições Federais e Estaduais realizadas no Brasil em 1965 e 1966. v. 8. Brasília: 1971. p. 19 a 27. TSE. Dados estatísticos: eleições federais, estaduais realizadas no Brasil em 1970. v. 9. Brasília: 1973. p. 17 a 30.

Observando os dados eleitorais presentes na tabela 2, tanto para a formação da Câmara dos Deputados, quando o Senado Federal, o MDB tinha uma votação muito inferior à Arena. Inclusive, o MDB perdeu votos para uma campanha de “voto nulo” (MOTTA, 1997, p. 37), principalmente nas eleições de 1970, visto que nem mesmo o partido de oposição conseguia agregar as insatisfações com o governo autoritário.

Se até 1970, o MDB sofreu com o fantasma do AI-5, desmobilização e amargou várias derrotas eleitorais, pensando inclusive na proposta de autodissolução (PECORARO, 2019), as coisas mudariam. Com o surgimento de um aguerrido grupo em seu interior, conhecido como os “autênticos”<sup>2</sup>, o partido passou por uma reestruturação em suas ações.

A primeira medida proposta pelo grupo dos autênticos, foi a anticandidatura, encabeçada por Ulysses Guimarães, então presidente do partido, concorrendo a presidência da República. Apesar dos conflitos internos no MDB entre o grupo dos autênticos e os moderados em relação a anticandidatura, o fato é que ela alavancou a imagem pública de contestação ao sistema de “cartas marcadas” do regime ditatorial. Já havia um candidato escolhido pelo governo que ganharia. Assim, a anticandidatura serviu para o

<sup>2</sup> O grupo dos autênticos foi formado por jovens políticos que adentraram no cenário político na legislatura federal iniciada em 1971. Buscavam realizar uma oposição mais incisiva contra a ditadura civil-militar. Para saber mais ver: NADER, Ana Beatriz. Autênticos do MDB: história oral de vida política. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

MDB rodar o Brasil fazendo campanha eleitoral e de denúncia ao sistema autoritário e antidemocrático.

Tal fato teve grande influência nas eleições parlamentares de 1974. Pela primeira vez desde a implantação do bipartidarismo, o MDB conseguiu uma votação expressiva nas eleições, configurando uma vitória para o partido.

**Tabela 3.** Deputados e senadores eleitos pelo MDB e Arena em 1974.

	MDB	ARENA
Deputados Federais	161	203
Senadores	16	6

Fonte: TSE. Dados Estatísticos: Eleições Federais e Estaduais realizadas no Brasil em 1974, v. 11, 1977. p. 15 e 26.

Analisando os dados da tabela 3, observa-se que apesar de não terem conquistado a maioria na Câmara dos Deputados, o MDB conseguiu mais que 1/3 das cadeiras, número suficiente para barrar propostas legislativas pró-governo. Já no Senado Federal, das 22 cadeiras que estavam nas eleições, o MDB conseguiu eleger a grande maioria, configurando sua maior conquista eleitoral até então.

A partir das novas propostas de atuação, ficou evidente que o MDB conseguiu melhorar sua imagem pública com relação ao seu papel de oposição, nítido nos dados eleitorais. O partido estabeleceu-se em um cenário em que a ditadura já dava sinais de desgaste e críticas na sociedade.

### **A formação do MDB em 1979 e a nova república**

O MDB, com sua mudança de postura em ser e fazer oposição mais incisiva, ligada ao grupo dos autênticos, a partir das eleições de 1974, passou a ser um canal de insatisfação contra o governo.

A questão partidária tornou-se um item de preocupação do governo desde a eleição de 1974, cujos resultados estamparam a tendência do bipartidarismo em canalizar as

opções de forma plebiscitária. Isto significava que o arranjo bipartidário, longe de ser uma fonte de legitimação do regime, havia se tornado um recurso efetivo para a ação oposicionista (KINZO, 1988, p. 205).

Dessa forma, em um sistema de apenas dois partidos, um de situação e outro de oposição, os votos em uma determinada legenda passam a ser indicativo de legitimidade de uma postura, ou condenação da outra parte oposta. Assim sendo, a oposição canalizada em um único grupo passou a ser uma preocupação do governo.

Em 1979, a ditadura promoveu uma nova reforma político-partidária em que deu condições para o retorno do pluripartidarismo, por meio da Lei nº 6.767, de 20 de dezembro de 1979. Ela definiu a extinção do MDB e Arena, além de definir que os novos grupos deveriam carregar a palavra “partido” em sua nomeação.

Cabe destacar que a extinção do bipartidarismo se deu ao contexto de crescimento apresentado pelo partido de oposição que congregava uma grande diversidade de pensamentos opostos ao regime militar. Fica mais explícito ao compreender o surgimento das novas e principais agremiações partidárias após essa reforma.

De acordo com o apresentado por Maria D’alvo Kinzo (1988), a Arena migrou, em sua maioria, para a formação do Partido Democrático Social (PDS). Já o MDB, seguiu continuidade do antigo partido por meio da nova sigla: o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Mas a oposição antes feita pelo MDB sofreu uma fragmentação. Surgiram o Partido Democrático Trabalhista (PDT), com Leonel Brizola; o ressurgimento do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), com Ivete Vargas; o Partido dos Trabalhadores, com liderança de Luís Inácio Lula da Silva; além de dissidentes da Arena e moderados do MDB que, juntos, formaram o Partido Popular (PP), com Tancredo Neves e Magalhães Pinto.

A desagregação da oposição, até certo ponto, alcançou o objetivo dos militares em dividir em outras siglas as vozes dissonantes ao governo. Essa

fragilidade, antes do MDB, e agora perpetuada no PMDB, deixou marcas na atuação do partido na Nova República.

Começamos a pensar pelas eleições indiretas para presidência da República em janeiro de 1985, a última do período ditatorial. Uma chapa de oposição à ditadura partiu de um acordo entre grupos dissidentes. Resumidamente, o PP desagregou-se e fundiu-se ao PMDB em 1982, ao passo que também se juntaram a eles grupos descontentes do PDS, a Frente Liberal (PALMEIRA, 2015), insatisfeitos com a candidatura de Paulo Maluf por essa sigla. Dessa aliança, o PMDB lança a candidatura indireta, para o Colégio Eleitoral, de Tancredo Neves e como seu vice, vindo do PDS, José Sarney.

Obtendo vitória, o PMDB teve a chance de assumir a presidência da República no período de redemocratização. Entretanto, pelas alianças costuradas com diversos e diferentes posicionamentos políticos, o PMDB se viu diante de um quadro inesperado: Tancredo Neves faleceu e José Sarney, que antes era figura ligada ao grupo político de sustento da ditadura, assumiu a presidência.

Não seria exagero afirmar que a deformação mórbida começou já em 1981, com a incorporação do PP (ironicamente apelidado "partido dos patrões", ou "partido clandestino da burguesia") ao PMDB. E que foi, sem dúvida, um lance brilhante de oportunismo para enfrentar o casuísmo da vinculação de votos imposta pelo pacote do governo. Mas naquela fusão percebe-se claramente *o embrião de um pacto conservador*, que deu no que deu: na Aliança Democrática, co-liderada por fiéis serviçais dos vinte anos da ditadura, a começar pelo próprio José Sarney [...]. A fusão PP-PMDB era o embrião, portanto, desta aliança incrível que, nas palavras de Florestan Fernandes, expõe o conchavo da perversa e pervertida imaginação conservadora (BENEVIDES, p. 1986) [grifo no original].

Analisando a fala de Maria Benevides, é notório as alianças do agora PMDB para se manter atuante na política. O mesmo MDB da constituição de uma frente política contra a ditadura, já em seus primórdios como PMDB, continuou indefinindo seus posicionamentos políticos pela capacidade de

abarcam em seu interior personagens de diferentes pensamentos políticos, seja por qual tipo de aliança for possível.

A referida crise de identidade do PMDB decorre de dois problemas que o partido passou a enfrentar com a democratização do país. O primeiro foi a dificuldade de ser governo após quase vinte anos na oposição e, por conseguinte, de forjar um perfil mais definido, em função da mudança de regime e das responsabilidades que passava a assumir com a construção de uma nova ordem. [...] O excessivo gradualismo fez com que o PMDB, como principal veículo de luta oposicionista, se acostumassem a transigir, a “ceder os anéis para não perder os dedos”.

[...]

O segundo problema que contribuiria para a crise de identidade do PMDB vinha de longe e decorria da própria história do partido: a indefinição de seu perfil. (KINZO, 1993, p. 8 a 10).

O PMDB, na segunda metade da década de 1980, conseguiu ter grande influência eleitoral a nível nacional, com destaques para eleições de capitais estaduais em 1985, para governadores em 1986, mas principalmente na formação da Assembleia Constituinte (KINZO, 1993), que atuou na elaboração da Constituição entre 1987 e 1988, principalmente liderada pelo peemedebista, Ulysses Guimarães. Tal feito eleitoral não significou uma tomada de posicionamento político.

Provavelmente esses resultados eleitorais do período foram consequências mais pelo efeito com o eleitorado de ser um partido “resistente” a ditadura recém acabada e ter unificado a bandeira pela democracia, do que por uma definição ideológica partidária a ser defendida e encabeçada. Para Maria D’alva Kinzo (1993), essas cisões do partido evidenciaram-se na própria Constituinte, em que

[...] o partido não conseguiria manter um grau aceitável de coesão frente às questões mais polêmicas no processo constitucional. [...] o PMDB se dividiu quase ao meio nas votações sobre o sistema de governo (manutenção do presidencialismo), a confirmação de um mandato de cinco anos para o presidente Sarney e a reforma agrária, e sofreu

deserções substanciais em decisões que envolviam cunho nacionalista e apoio a direitos trabalhistas (KINZO, 1993, p. 11 e 12).

Esse grupo político, assim como de seu surgimento, continuou sendo um agrupamento sem definição política. Porém agora, enquanto PMDB, sem mais a unidade de ser única oposição consentida a levantar a bandeira em prol do retorno democrático, havia diversos partidos definidos como oposição.

Já na Constituinte, e permanecendo assim por boa parte da Nova República, muitos dos políticos do PMDB ingressaram no grupo de parlamentares identificados como Centrão, “que conseguiu barrar diversas demandas de cunho popular e sindical, do qual o PMDB e diversos partidos de direita faziam parte” (PALMEIRA, 2015, p. 177). Seguindo desse fato, uma insatisfação surgiu nas bases peemedebistas, provocando uma cisão que levou a criação do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

O que interessa a esse estudo, nesse ponto, é perceber como a construção do (P)MDB, desde seu surgimento, dado por um contexto impositivo, até atravessar a ditadura, conseguindo estabelecer-se na redemocratização, tem marcas de um partido construído para ser “guarda-chuva” de posições diferentes. Ao terem que se adaptar aos contextos desenhados pelos militares, o (P)MDB cria uma estrutura de se adequar aos diferentes contornos políticos e irem se encaixando nesses espaços, conforme necessário.

### **O retorno da sigla MDB: o apelo à memória**

Dado hoje como um partido de “centro” ou mesmo “centro-direita”, o PMDB teve grande importância na política nacional das últimas décadas por meio, principalmente, de sua atuação através do Parlamento Nacional, tanto nas casas da Câmara dos Deputados Federal como no Senado.

Se antes, fadado ao papel de oposição, na redemocratização o PMDB transformou-se no partido da situação. Esse grupo político passou a ter grande

influência política, liderando as casas legislativas nacionais em boa parte do tempo.

**Tabela 4.** Lideranças do PMDB nas casas legislativas entre 1985 a 2017.

Presidências das Casas Legislativas	Senado Federal	Câmara dos Deputados
Presidências assumidas por políticos do PMDB no período de 1985 a 2017	17	9
Total de presidências do período de 1985 a 2017	19	20

Fontes: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/historia/presidentes>  
<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/01/29/conheca-os-presidentes-do-senado-eleit-os-desde-a-redemocratizacao>

As casas legislativas passaram a maior parte da Nova República sob domínio e liderança de políticos filiados ao PMDB. O impacto maior do período analisado está no Senado Federal que das 19 presidências do período entre 1985 a 2017, só em duas ocasiões não houve liderança peemedebistas. Já na Câmara dos Deputados, apesar de não terem políticos sob liderança na maior parte do tempo, representa o partido que por mais vezes ocupou tal posto. Isso é marcante tendo em vista o caráter assumido pelo partido de costurar alianças, além de integrar o centrão.

Além disso, o partido

Participou de todos os governos através de ministérios, ocupando pelo menos uma vaga, inclusive no governo Collor, onde, mesmo sem participar da base de apoio, acabou tendo um ministério. Fez coalizão com o PSDB nos dois mandatos de Fernando Henrique Cardoso. Com Lula, do PT, ficou fora da coalizão apenas no primeiro mandato, em 2003, e esteve do lado de Dilma Rousseff, também do PT [...] (SILVA, 2021, p. 112).

O PMDB, “partido para todos” (BENEVIDES, 1986) ou “partido *cacth all*” (SILVA, 2021, p. 112), se tem isso em comum com o antigo MDB, acabou na Nova República assumindo novas posturas para manter-se ativo no poder.

Não mais restrito ao mero papel opositorista, mas agora sendo composição da base da maioria dos governos, por meio da própria aliança do “centrão”.

Se nos governos do Partido dos Trabalhadores (PT), principalmente dos 3 últimos (2006 a 2015), o PMDB participou como base governista, inclusive sendo chapa da candidatura de Dilma Rousseff (PT) e Michel Temer (PMDB) de 2010 e 2014, o PMDB rompe com o PT em 2016, apoiando o processo de *impeachment* da presidenta.

O cenário brasileiro no período era de crise. Foca-se aqui na crise política. Não serão discutidos os processos golpistas de 2016, mas sim entender como a crise político-partidária, que teve influências no *impeachment*, levou a mudança de sigla do PMDB.

No Brasil, no ano de 2014, estourou a Operação Lava Jato. Sediada em Curitiba, a operação varreu o país num dito combate a corrupção. Os escândalos atingiram diversos políticos e, conseqüentemente, suas legendas partidárias. Em um processo altamente explorado pela mídia e com uma atuação de juristas, procuradores e juízes parciais, a Operação Lava Jato atingiu em cheio o PT, no governo Dilma Rousseff.

Cabe, neste ponto, destacar que, apesar de o PT ter sua imagem comprometida por tal operação e explorada pelos partidos que buscavam derrubar os quatro seguidos governos petistas e sua política econômica baseada em um Estado investidor e em políticas públicas voltadas para classes populares (BOITO Jr., 2020), o partido mais afetado pelo desenrolar das investigações lava jatistas foi o PMDB (SCHREIBER, 2022). O partido teve ao todo 117 denúncias e 35 réus, liderando o envolvimento nas investigações da Lava Jato.<sup>3</sup>

[...] mas é visível que há uma afinidade ideológica, e quem está na primeira linha das investigações da Lava Jato, em geral? É o pessoal do PT, que advoga um ativismo estatal, que é muito menos estatal do que a gente acredita, pois o PT fez muitas parcerias público-privadas. E, em segundo lugar, é

<sup>3</sup> A jornalista Mariana Schreiber, em reportagem para a BBC Brasil, utiliza tais dados presentes em um artigo produzido por pesquisadores da USP. Esse artigo, até a data da escrita desse estudo, estava disponível em preprint no site Scielo, datado de outubro de 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4689>. Acesso em: 14 de março de 2023.

o pessoal do PMDB, que é o partido da fisiologia. É o partido que tem a grande imagem que representa a fisiologia do Estado brasileiro. Então, esse pessoal da Lava Jato vai servir de referência para a classe média que está na rua, vai servir de símbolo máximo, são os heróis da grande mídia, e exatamente porque eles estão fazendo uma cruzada contra a corrupção (BOTELHO, 2021, p. 154).

Sendo assim, mesmo que o principal alvo da Lava Jato tenha recaído sobre o PT, o PMDB também teve sua imagem pública atingida pelas investigações dessa operação. Diante dessa crise político-partidária, o PMDB vai buscar reverter sua imagem junto ao eleitorado. Em convenção nacional realizada em 19 de dezembro de 2017, o PMDB aprovou o retorno do uso de sua antiga sigla, com a retirada o “P” de partido, voltando a chamar-se Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

Os principais jornais impressos do país, em edições do dia 20 de dezembro de 2017, em suas manchetes, destacaram uma outra questão ao abordar o assunto, desfocando o principal centro de interesse do episódio. As capas e páginas políticas do *O Globo*, *O Estado de São Paulo (Estadão)* e *Folha de São Paulo*, abordaram como principal destaque a presença de Michel Temer tomando passe e sendo benzido por um pai de santo após uma suposta “macumba” feita contra o então presidente da república Michel Temer (PMDB)<sup>4</sup>, imagem essa que ilustra as reportagens desses três veículos de comunicação, sendo capa em todos.

Na reportagem em interior dos cadernos políticos da *Folha de São Paulo*, foi expresso o fator que levou a mudança da legenda. De acordo com a matéria:

Em uma convenção esvaziada, o PMDB aprovou nessa terça-feira (19) a mudança de seu nome para a sigla que era usada em sua fundação, o MDB (Movimento Democrático Brasileiro).

A repaginação faz parte de uma estratégia da legenda para amenizar o desgaste sofrido pelos partidos com a crise que se desenrola desde que a Operação Lava Jato atingiu os

---

<sup>4</sup> Na reportagem do Estado de São Paulo, o pai de santo em questão, Uzêda acusa o PT por ter feito a “macumba” contra Michel Temer. (ESTADÃO, 20/12/2017, p. 15).

principais políticos do país (FOLHA DE S.PAULO, 20/12/2017, p. 12).

Mas *O Globo* e o *Estadão* não abordaram a questão da troca do nome da legenda, apenas restringindo-se a citar o assunto, sem tecer comentários a respeito. Se as mídias físicas pouco debateram o assunto, muitas outras reportagens sobre o episódio foram noticiadas por jornais em veículos *online*.

Por exemplo, no *Portal G1*, no subtítulo da matéria, *PMDB aprova mudança de nome e passa a ser chamado MDB*, lê-se “Alteração da sigla faz parte de estratégia para diminuir desgaste partidário” (G1, 19/12/2017).

No *Exame*, subtítulo da matéria, *PMDB aprova mudança de nome e volta a se chamar MDB*, está explicado: “Mudança do nome, às vésperas do ano eleitoral, é uma estratégia para dar uma repaginada na sigla após Michel Temer assumir a Presidência da República” (EXAME, 19/12/2017). Na própria reportagem foi citado que

Dirigentes negam que a alteração seja uma tentativa de "esconder" a sigla atrás de uma nova marca, já que a cúpula da legenda e o próprio Temer têm sido alvo de escândalos de corrupção, especialmente no âmbito da Operação Lava Jato (EXAME, 19/12/2017).

Fica evidente nas reportagens que analisaram a mudança da sigla que de fato o agora MDB<sup>5</sup> buscou refazer sua legenda perante um desgaste de sua imagem pública. Evidencia-se que não era a apenas uma crise identitária, que já ocorria antes da Nova República, desde a própria formação emedebista durante a ditadura e seu papel em convergir diferentes posições. A questão para o novo MDB era se refazer e reestruturar sua desgastada imagem perante o eleitorado. E para isso apelaram para o “glorioso” passado.

Em sua página oficial na internet, o MDB definiu:

Em 2017, o PMDB voltou a ser MDB e foi buscar inspiração em suas vitórias do passado para orientar os próximos

---

<sup>5</sup> A mudança de nome para o retorno ao MDB foi oficializada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em 15 de maio de 2018.

passos. Tirou o último resquício da ditadura – obrigatoriedade de uso do P – e se colocou novamente, sem vacilar, à frente das dificuldades para pavimentar um futuro melhor.

Oficialmente, o Movimento Democrático Brasileiro surgiu em 24 de março de 1966. Desde então, jamais faltou ao Brasil. Da oposição à ditadura militar até a luta pelo direito de votar para Presidente. Da Assembleia Constituinte até a estabilização da moeda. Do apoio aos programas sociais até a missão de recuperar o país da pior recessão de sua história.

[...]

O MDB nasceu com propósitos: fazer oposição à ditadura e colaborar com a volta da Democracia (MDB).

O partido apelou a sua memória recente que o trouxe até a Nova República: ser oposição à ditadura. O MDB evoca sua luta contra o período ditatorial e a defesa da democracia. Diz que a retirada do “P” de partido é para se livrar do último resquício da ditadura e renovar. Na prática, esse renovar é sua própria imagem e não ações ou definições políticas.

De acordo com Michael Pollak, “A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade [...]” (POLLAK, 1992, p. 9). Sendo assim, pode-se compreender que o apelo da memória coletiva do partido é permanecer preso ao passado. Dessa forma, não há perspectivas propostas ao presente e futuro, pois o partido continua indefinido em suas ações.

O MDB do passado, apesar de deixar um resquício da estrutura heterogênea do partido, não é o mesmo do presente. Os partidários que antes deram a aparência de luta contra a democracia do partido na ditadura, como os autênticos, muitos saíram do partido no pluripartidarismo e o surgimento de vários outros partidos de oposição. Além do mais, muitos políticos que antes integraram a UDN, apoiadora do golpe de 1964, e posteriormente o PDS, migraram e constituíram o (P)MDB.

### **Considerações finais**

O MDB teve sua trajetória vinculada ao período da ditadura civil-militar. Sobrevivente ao período em questão, reestruturou-se no pluripartidarismo e na conseguinte Nova República. Um partido de traços indefinidos ideologicamente na política, surgido mais como uma frente política, precisou se adequar aos novos rumos da política democrática.

Por meio de alianças e compondo o centrão, o PMDB saiu da perene situação de oposição no regime autoritário, para um partido compositor de várias e diferentes bases governistas, integrando já no primeiro governo de retorno democrático o próprio partido da situação.

Vendo-se envolvido em escândalos de corrupção, teve sua imagem pública desgastada junto ao eleitorado. Desse processo que surgiu a necessidade de reestruturar a imagem partidária, apelando ao seu “glorioso” passado de ser defensor do regime democrático. Foi dessa necessidade que o PMDB resolveu voltar-se a sua antiga sigla, MDB. Entretanto, mais do que reestruturar ações, o partido apelou ao passado e a ele ficou preso. Nesse processo de renovação, não há especificações para atuação do partido ao presente e futuro, apenas o apego ao passado.

### Referências

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

ATO INSTITUCIONAL Nº 2, DE 27 DE OUTUBRO DE 1965. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ait/ait-02-65.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-02-65.htm). Acesso em 12 de março de 2023.

BENEVIDES, Maria Victória. **Udn e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980. Versão online. Disponível em: <https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2015/04/A-UDN-e-o-Udenismo-M-Victoria-Benevides.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2023.

BENEVIDES, Maria Victória. Ai que saudade do MDB! **Lua Nova: Revista de cultura e política** - Jun 1986. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-64451986000200006>. Acessado em: 10 de outubro de 2022.

BERSTEIN, Serge. Os partidos. *In*: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2ª ed., trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

BOITO JR, Armando. **Dilma, Temer e Bolsonaro: crise, ruptura e tendências na política brasileira.** [recurso digital] / Armando Boito Jr.. Coleção Párias Ideias: Orgs. Antônio Camêlo; Virgínio Gouveia. – Goiânia-GO: Editora Phillos Academy, 2020.

BOTELHO, Maurílio. A geografia do golpe. *In:* CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira; JORGE, Vladimyr Lombardo; JUNIOR, José Alves (orgs.). **O golpe de 2016 e o futuro da democracia no Brasil: curso de extensão realizado na UFRRJ** [recurso eletrônico] / Seropédica: Ed. da UFRRJ, 2021.

EXAME. PMDB aprova mudança de nome e volta a se chamar MDB. 19 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://exame.com/brasil/pmdb-aprova-mudanca-de-nome-e-volta-a-se-chamar-mdb/>. Acesso em 14 de março de 2023.

FLEISCHER, David. Os partidos políticos. *In:* AVELAR, Lúcia; CINTRA, Antônio Octávio. **Sistema Político Brasileiro: uma introdução.** São Paulo: UNESP, 2004.

FOLHA DE SÃO PAULO. 20 de dezembro de 2017. Capa e p. 12.

GRINBERG, Lucia. **Partido político ou bode expiatório: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (Arena), 1965-1979.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

KINZO, Maria d'Alva G. **Oposição e autoritarismo: gênese e trajetória do MDB (1966-1979).** São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.

KINZO, Maria d'Alva G. O Legado Opositor do MDB: o Partido do Movimento Democrático Brasileiro. **XVII Encontro Anual da ANPOCS.** Caxambu, MG, 22 a 25 de outubro de 1993.

LAMOUNIER, Bolivar. Entrevista. *In:* MELHEM, Celia Soibelman; RUSSO, Sonia Morgenstern. **Dr. Ulysses. O homem que pensou o Brasil.** São Paulo: Arte e Meios, 2004.

MDB. Disponível em: <https://www.mdb.org.br/conheca/historia/>. Acesso em: 14 de março de 2023.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Partido e Sociedade: A trajetória do MDB.** Ouro Preto: UFOP, 1997.

NADER, Ana Beatriz. **Autênticos do MDB: história oral de vida política.** São Paulo: Paz e Terra, 1998.

**O ESTADO DE SÃO PAULO**, 20 de dezembro de 2017. Capa e p. 15.

**O GLOBO**. 20 de dezembro de 2017. Capa e p. 4.

PALMEIRA, Andre Franklin. A Trajetória do MDB/PMDB e a política brasileira nas últimas décadas. **Revista Convergência Crítica**. v.1, n.7 2015.

PECORARO, Tamires Mascarenhas. **O MDB durante o governo Geisel (1974-1978): a atuação parlamentar do partido de oposição à ditadura após as eleições de 1974**. Dissertação de mestrado. Seropédica: UFRRJ, 2019. 138 f.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, 1992.

PORTAL G1. PMDB aprova mudança de nome e passa a ser chamado MDB. 19 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/pmdb-aprova-mudanca-de-nome-e-passa-a-ser-chamado-mdb.ghtml>. Acesso em: 14 de março de 2023.

SARTORI, Giovanni. **Partidos e sistemas partidários**. Trad. Waltensir Dutra; apresentação à edição brasileira do Prof. David Fleischer. – Ed. Brasileira ver. e ampl. - Rio de Janeiro: Zahar; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982.

SCHREIBER, Mariana. Lava Jato atingiu partidos de forma proporcional, mas PT foi foco de Moro, aponta estudo. *In: BBC News Brasil*, 23 setembro 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62990375>. Acesso em 14 de março de 2023.

SILVA, Lucas Garcia da; A ideologia das políticas dos parlamentares do (P)MDB em 2015 e 2016. **Revista Eletrônica de Ciência Política**. v. 12, n. 1, 2021.

TSE. Dados Estatísticos: Eleições Federais e Estaduais realizadas no Brasil em 1965 e 1966. v. 8. Brasília: 1971.

TSE. Dados Estatísticos: Eleições Federais e Estaduais realizadas no Brasil em 1974, v. 11, 1977.

TSE. Dados estatísticos: eleições federais, estaduais realizadas no Brasil em 1970. v. 9. Brasília: 1973.

TSE. Manifesto/programa de fundação do MDB. 1966. Disponível em: [https://www.tse.jus.br/++theme++justica\\_eleitoral/pdfjs/web/viewer.html?file=https://www.tse.jus.br/partidos/partidos-registrados-no-tse/historico/registros-de-partidos-politicos-1945-a-1979-1/arquivos/tse-mdb-objetivos/@@download/file/objetivos.pdf](https://www.tse.jus.br/++theme++justica_eleitoral/pdfjs/web/viewer.html?file=https://www.tse.jus.br/partidos/partidos-registrados-no-tse/historico/registros-de-partidos-politicos-1945-a-1979-1/arquivos/tse-mdb-objetivos/@@download/file/objetivos.pdf). Acesso em: 12 de março de 2023.

**Recebido em:** 5 de julho de 2023  
**Aceito em:** 15 de outubro de 2023